

IDEOLOGIA DO HOLOCAUSTO

Ideology of the Holocaust

Julio Cesar Gomes do Prado¹

Resumo: Sem o estudo sobre alguns fatos históricos não seria possível entender a sociedade contemporânea, entre os acontecimentos, destacamos as duas guerras mundiais, principalmente o período entre guerras e a Segunda Guerra Mundial. O lastro temporal entre as duas grandes guerras foi um terreno fértil para o surgimento de regimes totalitários como os de Hitler e Mussolini. Dessa forma, esse trabalho trata das condições que levaram ao holocausto e como funcionava o regime totalitário alemão que desembocou na Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Totalitarismo. Segunda Guerra. Holocausto.

Abstract: Without the study on some historical facts it would not be possible to understand the contemporary society, between the events, we emphasize the two world wars, mainly the period between wars and the Second World War. The temporal ballast between the two great wars was fertile ground for the emergence of totalitarian regimes like those of Hitler and Mussolini. Thus, this work deals with the conditions that led to the Holocaust and how the totalitarian German regime that led to the Second World War worked.

Keywords: Totalitarianism. Second War. Holocaust.

Introdução

A Segunda Guerra Mundial, além de ter impactado simplesmente por ser uma guerra na qual ocorreram muitas baixas e da aparição do maior artefato de destruição de massas já inventado, ou seja, a bomba atômica, foi o cenário de um dos maiores massacres da humanidade, qual seja, o holocausto judeu. Esse trabalho pretende mostrar de forma resumida como ocorreu esse acontecimento que ficou marcado na história como a maior tragédia judaica.

Para alcançarmos o objetivo exposto acima, utilizaremos como fonte de pesquisa artigos e livros que falam sobre o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial. A escolha desse tema se deu pela importância que esse acontecimento tem na história da humanidade, visto que, o mundo ficou perplexo com a capacidade de ditadores como Hitler cometerem assassinatos em massa e de maneira metódica.

Primeiramente, trataremos dos pressupostos que levaram os judeus a serem odiados por parte da população europeia. Logo após, falaremos da ascensão de Adolf Hitler, além de tratarmos de sua ideologia. A seguir, discorreremos sobre a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto judeu.

Condições para o holocausto

Sabe-se, por meio de livros de história, que após a destruição da cidade sagrada de Jerusalém os judeus passaram a ser cada vez mais perseguidos. Após esse acontecimento, o Estado de Israel deixa de existir e ocorreu um fenômeno chamado por historiadores de diáspora judaica. Esse processo é caracterizado pela dispersão dos judeus para vários países, devido a perseguições tanto de cristãos como de romanos, por esse motivo temos judeus de diversas nacionalidades.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - no 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

A partir do século XV, os judeus passaram a ser perseguidos na Europa. “[...] disseminou-se o antissemitismo nos reinados europeus, o que levou à expulsão geral dos judeus ou a sua ‘Conversão Geral’, obrigando-os a se converter em ‘cristãos-novos’ ou ‘marranos’ e se integrarem nos territórios por eles ocupados” (FERNANDES, 2014, p. 1). Portanto, os judeus eram vistos como apátridas, pois não tinham mais um país para o qual voltar, além do crescimento do antissemitismo, o qual veio, em meio a Segunda Guerra Mundial, levar ao assassinato de milhões de judeus.

Diferentemente de outras religiões, como o cristianismo e o islamismo, o judaísmo não age por proselitismo, portanto, judeus são natos, ou seja, não há conversão ao judaísmo, o judeu nasce judeu, por esse motivo o judaísmo não cresce com tanta rapidez como as religiões citadas.

No século XIX, surge um movimento chamado de movimento sionista dentro da Europa, fazendo referência ao monte Sião, sagrado para os judeus. Esse movimento tinha como objetivo a recriação do Estado de Israel dentro da Palestina. Entretanto, isso não ocorreu nessa época e os judeus continuaram sem pátria, além do problema com os cristãos, o povo judeu, devido à influência que tinha sobre o mercado financeiro e de joias, passaram a ser mal vistos por parte das pessoas em países europeus como a Alemanha. Nesse sentido, eles eram tidos como usurpadores da riqueza nacional dos países nos quais exerciam algum tipo de poder. Lembre-se de que os judeus tinham muita influência sobre algumas monarquias absolutistas pelo fato de financiarem esses regimes nos séculos XVII e XVIII. De acordo com Arendt (1973, p. 20):

Nos séculos XVII e XVIII, o lento desenvolvimento dos Estados-nações processava-se sob a tutela dos monarcas absolutos. Em toda parte, judeus emergiam individualmente do profundo anonimato marginalizador para as posições às vezes atraentes e quase sempre influentes de judeus da corte, que financiavam os negócios do Estado e administravam as transações financeiras dos seus soberanos.

Portanto, o povo judeu, ou melhor dizendo, uma parte dos judeus eram financiadores e privilegiados do estado absolutista. No entanto, com o passar dos anos, os judeus começaram a perder influência e, por outro lado, o antissemitismo aumentou. Os judeus eram vistos como parte do Estado, destarte, todos que se viam insatisfeitos com este, acabavam também por se tornarem antissemitas, por associarem os judeus ao governo.

No final do século XIX, os judeus se tornaram bodes expiatórios de governos malsucedidos na Europa. Assim, se passavam por crises, muitos governantes culpavam os israelitas pelas suas mazelas. Contudo, começam a surgir, em países como a França e Alemanha, partidos antissemitas.

A seguir, falaremos sobre a Alemanha pós-primeira guerra e as condições existentes para que ocorresse uma das maiores, senão a maior, tragédia da história da humanidade.

Ascensão de Hitler ao poder

A Alemanha se encontrava em situação ruim após a Primeira Guerra Mundial, além da derrota, o país foi obrigado a assinar o Tratado de Versalhes. Nesse tratado, foi firmado que a Alemanha era a responsável direta pela guerra, além de perder parte do seu território e pagar indenização pelos prejuízos causados pela guerra.

O fim da Grande Guerra foi marcado pela derrota da Tríplice Aliança e, portanto, também a derrota da Alemanha. Ao final do conflito, ocorreu a assinatura do Tratado de Versalhes. Todavia, esse tratado, que conservou a soberania alemã, acabou impondo à Alemanha humilhantes penalidades (RIBEIRO, 1986, p. 14-17).

Como dito acima, esse tratado foi visto como uma humilhação pelos alemães. Junto a isso, a grande depressão de 1929 e a inflação exorbitante trouxera o caos para economia alemã e, por conseguinte, o aumento do desemprego. Nesse contexto, o povo alemão encontrava-se insatisfeito com seus líderes. Além disso, partidos de extrema direita começavam a aumentar o número de adeptos, um desses partidos chamaria a atenção de Hitler que acabou filiando-se a ele.

Nascido na Áustria, no dia 20 de abril de 1889, Adolf Hitler pretendia se tornar pintor, porém não conseguiu ingressar na academia de Belas Artes de Viena. Após voltar para a Alemanha, no início da Primeira Guerra Mundial, alistou-se como voluntário no exército alemão. Hitler filia-se ao Partido Trabalhista Alemão e, com seu poder de persuasão, contribui para a mudança do nome para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, mais conhecido como Nazi. Em 1923, após tentativa de golpe, Hitler acaba preso. Depois de oito meses na prisão, Hitler escreveu o Livro *MeinKampf* (“Minha Luta”).

Hitler falava com eloquência e dizia que traria mudanças, contrário ao cumprimento do Tratado de Versalhes, trouxe muitas pessoas para o partido nazista, principalmente jovens desempregados e de classe média baixa. Desde o seu nascimento, o partido nazista tinha como um de seus objetivos a diminuição da influência dos judeus, além de pregar a emigração destes. Burrin (1990, p.15), explica que “a política antijudaica pode ser dividida em três momentos. No primeiro momento, compreendendo o espaço entre 1933 a 1939, os nazistas buscaram intensamente a emigração – expulsão dos judeus, principalmente por meio de medidas legislativas”.

No ano de 1933, tendo em vista a representatividade que alcançara e o apoio financeiro dos capitalistas em meio à crise de 1929, Hitler assume o cargo de chanceler. Após a morte do até então presidente alemão Paul Von Hindenburg, em 1934, Hitler consegue consolidar seu poder através da fusão da chancelaria, exercida por ele, e a presidência, fusão esta, ilegal na época. Sendo o detentor de todo o poder, ele dissolve todos os partidos políticos, prende opositores, começando assim, seu regime totalitário. Após a invasão da Polônia, Hitler acaba provocando a Segunda Guerra Mundial. Segundo Arruda e Piletti (1995, p. 295), “em apenas 23 meses, numa sucessão de golpes de força, ilegalidades e assassinatos, Hitler implantaria sua ditadura pessoal”.

O trecho acima nos dá uma noção do que estaria por vir nos anos seguintes, enquanto o Führer permanecesse no poder. Führer, do alemão, pode ser traduzido por “guia”, “condutor” ou “chefe”, e era realmente dessa forma que ele se via e que o povo alemão iria vê-lo. Sua intenção era fazer uma revolução. Hitler tinha e fez vários inimigos durante seu governo. Todavia, foi nos judeus que ele encontrou a causa máxima para as mazelas dos alemães, no qual, no momento seguinte, falaremos um pouco sobre a ideologia pregada por ele.

A ideologia do terror

Hannah Arendt, conceitua ideologia como uma suposta verdade, que serve como panaceia universal, ou seja, a cura de todos os males, que no caso de Hitler se achava detentor dessa cura. Na definição de ideologia de Arendt (1973, p.148):

[...] a ideologia difere da simples opinião na medida em que se pretende detentora da chave da história, e em que julga poder apresentar a solução dos ‘enigmas do universo’ e dominar o conhecimento íntimo das leis universais ‘ocultas’, que supostamente regem a natureza e o homem.

Hitler não tinha talento para ser artista, porém, era um ótimo orador e sabia como persuadir a população. Assim como Mussolini, ditador italiano no período entre a primeira e a segunda guerra, Führer fez da Alemanha um Estado totalitário. “Tudo no Estado, nada contra o Estado, e nada fora do estado”. Frase do ditador Benito Mussolini, no qual Hitler se inspirou para montar o seu estado absoluto.

De acordo com Lefort (2011, p. 87), “o fascismo italiano foi o primeiro a vangloriar-se de construir um Estado totalitário, *uno stato totalitário*. É a ele que se deve a fórmula à qual devia fazer eco, alguns anos mais tarde na Alemanha, a do *total staat*”.

Hitler pregava a eugenia ariana. Desse modo, o líder alemão considerava a raça ariana superior a todas as outras e, no caso específico dos judeus, estes deveriam ser eliminados, pois, segundo ele, não passavam de vermes. Um de seus argumentos era de que os judeus eram responsáveis pela crise alemã, e utilizando-se de escritores antissemitas como Gobineau, Hitler fortalecia mais seus argumentos.

Igualmente não ficou só na sua posição, pois na mesma época do *Essai* homens como o compositor alemão Richard Wagner, o filósofo Friedrich Nietzsche, políticos como Houston Stewart Chamberlain, este nascido na Inglaterra e genro de Wagner, e Adolf Hitler aderiram ao que foi então chamado ‘gobinismo’. Somente a raça branca ou ‘Ariana’, criadora da civilização, possuía as virtudes mais elevadas do homem: honra, amor à liberdade etc., qualidades que poderiam ser perpetuadas apenas se a raça permanecesse pura. Em sua opinião, os judeus e os povos mediterrâneos haviam degenerado devido a muita miscigenação ao longo da história. Somente os alemães haviam preservado a pureza ariana, mas a evolução do mundo moderno os condenava também aos cruzamentos inter-raciais e a degenerescência (COBRA, 2001, p. 1).

Portanto, Joseph Arthur - Conde de Gobineau (1816-1882) - foi um dos escritores que influenciou Hitler por meio de sua ideologia antissemita e racista. Assim, Führer encontrava fortes argumentos para seu discurso de ódio aos judeus.

Outra característica da ideologia hitlerista era o nacionalismo exacerbado, que tinha forte apelo populacional, pois ao amar o país de maneira incondicional, o povo alemão deve lutar por este. Além disso, Hitler propunha acabar com as humilhações impostas pelo Tratado de Versalhes e unificar as comunidades germânicas. Para pôr em prática seu plano, o líder alemão implantou o unipartidarismo, controlava as mídias e fazia propagandas de massa. Desse modo, um dos principais meios utilizados para propagar a ideologia do ditador era o rádio. “As propagandas enganosas ajudaram Hitler a ser transformado no ‘Salvador da Alemanha’” (GOMES, 2016, p. 1). Assim, transformar seu líder em salvador era mais uma das características do totalitarismo de Hitler, o qual deveria ser respeitado e adorado.

Outro ponto importante para Hitler, era o sentido de unidade que ele queria introjetar na população. Nesse aspecto, o ditador falava sobre a importância da identidade alemã, era contra a miscigenação, e o povo alemão deveria se unir contra todos que fossem contrários a suas ideias. Hitler sabia do poder apelativo de seus discursos, pois a massa tende a ser melhor controlada quando imagina que faz parte de algo maior, quando faz parte de um grupo especial. E, para fortalecer essa união, o ditador pregava o nacionalismo exacerbado, como dito anteriormente. Isso robustecia a xenofobia, pois, quem não era alemão, era inferior a estes.

O ditador alemão sabia muito bem o que estava fazendo, pois, além de controlar a mídia, e propagar sua ideologia por meio dela, Führer levou seus ensinamentos para as escolas alemãs. Desse modo, desde de pequeno os alemães eram doutrinados pela ideologia nazista de Hitler.

Tanto o governo nazifascista de Hitler quanto o governo fascista de Benito Mussolini eram apoiados por conservadores que, além de serem simpáticos às ideias deles, tinham medo

dos revolucionários comunistas que estavam crescendo na Europa, devido à crise do liberalismo. Revoluções bolcheviques, por exemplo, incomodavam esses conservadores por trazerem ideais de igualdades e, por conseguinte, perda de privilégios para as classes mais abastadas.

Ao contrário do que muitos pensam, o regime totalitário alemão era contra o marxismo e o capitalismo. De acordo com Arruda e Piletti (1995, p. 294):

O marxismo era fruto do pensamento judaico (Karl Marx), que também propunha a luta de classes; o capitalismo seria danoso ao agravar as desigualdades e atentar contra a unidade do Estado. Hitler passou a distinguir o capital nacional, útil à comunidade, do capital internacional, impregnado de judaísmo.

Portanto, o ditador se preocupava com a união do país e em desvincular dos judeus o financiamento do Estado. Como os socialistas pregavam a luta de classes, constatada por Marx, Hitler, pelo contrário, exaltava a união do povo, pois essa união traria condições para que seu plano fosse posto em prática sem maiores problemas, visto que todos estariam a favor do Estado.

Tendo como base um estado unitário, para Hitler esse estado exigia um inimigo comum, e esse inimigo seria o povo judeu. O antissemitismo de Hitler não era recente, na época em que o Führer ficou preso escreveu o livro citado anteriormente que é chamado por pesquisadores de a bíblia do nazismo (*MeinKampf*). Nesse livro, o ditador coloca os judeus como o mal maior da sociedade alemã, para o autor, eles estavam por trás de jornais de grande influência, as grandes mídias sempre tinham um judeu no comando e estes impregnavam ideias perniciosas na cabeça dos alemães. Segundo Hitler (1925, p. 130), “[...] são sempre os judeus que procuram e sabem inocular, no espírito do povo, tão perigosas ideias, aliás mortalmente perigosas”. Conquanto, Hitler tinha como inimigo a ser combatido os judeus. Para isso, montou seu estado totalitário, no qual resultou na grande guerra mundial do século XX, tendo como destaque a tentativa de extermínio dos judeus que ficou conhecida como holocausto.

O sacrifício e a Segunda Grande Guerra

O holocausto na cultura judaica era a queima de algum animal em um altar, com o intuito de oferecer um sacrifício a Deus. Este método foi utilizado para exterminar milhões de judeus, ciganos e outras minorias pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

No caso específico desse trabalho, ficaremos com o conceito histórico, pois foi o que Hitler e seu exército praticou em meio à Segunda Guerra Mundial.

Quando Hitler consegue ascender ao poder, ele começa seu plano revanchista e expansionista. Revanchista, pois era visto como uma revanche pela humilhação tanto por ter sido derrotado na Primeira Guerra Mundial, quanto pela imposição do Tratado de Versalhes. Expansionista, pelo fato de Hitler ambicionar a anexação de territórios que antes eram da Alemanha, além de pretender dominar aquilo que era chamado por ele de espaço vital (*Lebensraum*). “A noção de ‘espaço vital’ (*Lebensraum*) aparece em seus discursos e no livro *MeinKampf*. Essas várias fontes mostram que se misturavam em sua mente elementos do colonialismo europeu na África e na Ásia e referências à colonização do leste feita na Idade Média” (SILVA, 2012, p. 1).

Para Hitler, o espaço vital era a integração da Áustria e Tchecoslováquia, além de conquistar a Ucrânia e a Polônia. Foi quando o ditador resolveu invadir a Polônia, no dia primeiro de setembro de 1939, fato que acabou provocando a Segunda Guerra Mundial.

A Segunda Grande Guerra teve como participantes de um lado os aliados: China, França, Grã-Bretanha, União Soviética e EUA, e do outro lado os países do eixo, que eram: Alemanha, Japão e Itália, na qual os aliados se saíram vencedores, e a derrocada foram as bombas de Hiroshima e Nagasaki, lançadas pelos EUA após o ataque dos japoneses à base americana de Pearl Harbor.

Apesar dos milhares de soldados mortos durante a Segunda Guerra, o que mais impressionou a humanidade foi o holocausto judeu praticado por Hitler e seu exército. Dessa forma, mais de seis milhões de judeus foram mortos nos campos de extermínio, entre os modos de assassinato, temos as famosas câmaras de gás. Além disso, muitos judeus eram deportados, outros eram coagidos a trabalhos forçados e muitos morriam de fome.

De acordo com Silva (2005, p. 1):

Os soldados alemães empurraram cerca de 80 condenados em um caminhão para transporte até o campo. Durante o trajeto, muitas pessoas morreram asfixiadas como o monóxido de carbono dos veículos. Esses caminhões, com o interior da caçamba envenenado, podem ter sido a sombria inspiração para as câmaras de gás dos campos em que milhões de prisioneiros judeus acabariam assassinados. Diariamente, sacrificavam-se 2 mil pessoas. Os que chegavam vivos à prisão logo iriam começar a morrer lentamente em virtude da escassez de comida, dos maus-tratos sofridos e da crueldade dos guardas.

Esse relato nos dá uma noção de como foi o sacrifício praticado por Fühler. Após o fim da guerra, exatamente em 1945, foi criada a ONU (Organização das Nações Unidas), que tinha como um dos pressupostos a paz mundial, além de impedir que uma atrocidade como essa nunca mais voltasse a acontecer. Nesse contexto, o movimento sionista que havia iniciado no século XIX ficou mais forte após o massacre judeu na Segunda Guerra. Assim sendo, a pressão sobre os vencedores aumentou a ponto de terem que decidir sobre a divisa do Estado Palestino, essa tarefa foi atribuída, mais tarde, a recém-criada ONU. Apesar de muitas divergências com relação à partilha da Palestina, como, por exemplo, quem ficaria com a cidade sagrada para as três maiores religiões monoteístas: cristianismo, islamismo e judaísmo; Jerusalém, Israel foi reconhecida pela assembleia das Nações Unidas em 1948. Entretanto, os palestinos buscam ser reconhecidos até os dias atuais.

Considerações finais

Desde a diáspora judaica até o Holocausto, os judeus foram perseguidos por vários povos de diversos países, principalmente pelos cristãos. Os mais influentes eram considerados sugadores das riquezas de países nos quais tinham influência, além de financiarem alguns governos absolutistas e, de certo modo, isso ajudou a aumentar a aversão a estes.

Após a Primeira Guerra Mundial, o ódio aos judeus em países como Alemanha aumentou, vários escritores escreviam sobre racismo e antissemitismo, e estes serviram de inspiração para Hitler. Quando Fühler chega ao poder, logo coloca seu plano totalitário em prática, e o ditador tinha um alvo certo, ou seja, o povo judeu. Após a invasão da Polônia, Hitler provoca a Segunda Guerra Mundial, que só acabara em 1945. Nesse espaço de tempo, o exército alemão mata mais de seis milhões de judeus, um massacre surreal.

Percebe-se que no período entre guerras e crises econômicas, as populações ficaram mais vulneráveis e predispostas a serem convencidas de que extremistas como Adolf Hitler, Benito Mussolini, Stalin e outros ditadores possam salvar da bancarrota.

Esses ditadores, apesar de terem algumas diferenças, convergem em muitos aspectos, como por exemplo: unipartidarismo, controle das mídias, propaganda em massa, nacionalismo exacerbado, culto ao líder e doutrinação escolar. E foram essas características que fizeram com que conseguissem se manter no poder e colocar em prática seu governo totalitário.

Referências

ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Schwarcz, 1973.

ARRUDA, José J. de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a história: história geral e história do Brasil**. 4. ed. Curitiba: Ática, 1995.

BURRIN, Philippe. **Hitler e os judeus: gênese de um genocídio**. Porto Alegre: L&PM, 1990.

COBRA, Rubem Q. **Gobineau: época, vida e obras de Joseph-Arthur, Conde de Gobineau**. 2001. Disponível em <<http://www.cobra.pages.nom.br/fcp-gobineau.html>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FERNANDES, Karina M. **Palestina, diáspora e território em questão na barbárie de Israel**. 2004. Disponível em: <<http://unisinovs.br/blogs/ndh/2014/07/28/palestina-diaspora-e-territorio-em-questao-na-barbarie-de-israel/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

GOMES, Cristiana. **Nazismo**. 2016. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/nazismo/>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

HITLER, Adolf. **Minha luta**. 1925. Disponível em: <<https://www.radioislam.org/historia/hitler/mkampf/pdf/por.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

LEFORT, Claude. **A invenção democrática: limites da dominação totalitária**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade**. São Paulo: África, 1976.

RIBEIRO, João Júnior. **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, Cíntia C. **Holocausto: atrocidades nazistas**. 2005. Disponível em <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/holocausto-atrocidades-nazistas-434440.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

SILVA, Rogério S. Ian Hershaw: Hitler. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** n. 7, Brasília, jan./abr, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010333522012000100015>. Acesso em: 20 jun. 2016.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.